

**II COLÓQUIO BINACIONAL
DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

Aluno, alumnus, mathetés

Sprache der Vogel - Folcanelli



CADERNO DE RESUMOS

II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

CED – Centro de Ciências da Educação

EED – Departamento de Estudos Especializados em Educação

ORGANIZAÇÃO

GRAFIA - Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Educação e Arte

FIL/PPGE/UFSC - Linha de Pesquisa em Filosofia da Educação

Hermenêuticas da Cultura Mundo e Educação

REALIZAÇÃO

EED/CED - Departamento de Estudos Especializados em Educação

PPGE/UFSC - Programa de Pós Graduação em Educação

Rede Sur Paideia (CNPq)

APOIO:

UNOCHAPECÓ - Universidade Comunitária da Região de Chapecó

UDELAR - Universidad de la Republica Uruguay

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

TUIUTI - Universidade Tuiuti do Paraná

Colóquio Binacional de Filosofia da Educação: aluno, alumnus, mathetés
(2 : 2019 : Florianópolis, SC).

Caderno de resumos (do) II Colóquio Binacional de Filosofia da Educação: aluno, alumnus, mathetés, promovido pela Rede Sur Paideia (CNPq); Departamento de Estudos Especializados em Educação (EED/CED) e Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/UFSC). Florianópolis, 2019.
40p.

ISBN:

1. Filosofia da Educação. 2. Aluno. 3. Formação humana. I. Rede Sur Paidéia. II. Título

CDU:

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO	5
EL ALUMNO DE MONTAIGNE Y EL ALUMNO DE DESCARTES: ¿CONVIVENCIA O CONTRADICCIÓN? UNA RECUPERACIÓN..... Andrea Díaz Genis, Dra. (UDELAR)	7
A FAMIGERADA AUTONOMIA	10
Diogo Norberto Mesti, Dr. (UFSC)	
COMO CRIAR PARA SI UM CORPOEMA: O ENSINO DE FILOSOFIA DA ARTE	11
Ivan Maia de Mello, Dr. (UFBA)	
O ALUNO COMO INVENÇÃO	12
Elcio Cecchetti, Dr. (UNOCHAPECÓ)	
FORMAÇÃO HUMANA: PROJETO DE AUTOCRIAÇÃO DO ALUNO	13
Marilene de Melo Vieira, Dra. (UFV)	
O PARADOXO EDUCACIONAL - A FALTA DE ENTENDIMENTO DO SER HUMANO E SUA VINCULAÇÃO AO SISTEMA EDUCATIVO	14
Leonardo P. Garin, Lic. (PPGE / UFSC)	
O QUE SERÁ QUE APRENDEMOS QUANDO ESTUDAMOS FILOSOFIA?	15
Fausto dos Santos Amaral Filho, Dr. (UTP)	
O/A ALUNO (A) NA PERSPECTIVA FREIRIANA DE ENSINO-APRENDIZAGEM	20
Kátia A. P. Proença, Ma. (PPGE UFPEL) Neiva A. Oliveira, Dra. (UFPEL)	
ESPACIALIDADE ENQUANTO DIMENSÃO FORMATIVA DO ALUNO	21
Adecir Pozzer, Me. (PPGE UFSC) Rosana Silva de Moura, Dra. (UFSC)	
JUVENTUDE E FORMAÇÃO EM WALTER BENJAMIN	22
Priscilla Stuart da Silva, Dra. (UFSC)	
O PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA COMO UMA BUSCA DA VERDADE DE SI.....	23
Carolina Votto, Ma. (UFSC)	
POR UMA EDUCAÇÃO EPISTEMICAMENTE RESPONSÁVEL	24
Alexandre Meyer Luz, Dr. (FIL/UFSC)	
O ALUNO DE PSICOLOGIA EM MEIO À UM DILEMA: CIÊNCIAS HUMANAS OU CIÊNCIAS DA SAÚDE?	25
Cairu Vieira Corrêa, Me (UTP) Fausto dos Santos, Dr. (UTP)	
REFLEXÕES SOBRE A APRENDIZAGEM DO DISCENTE DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM PILOTAGEM PROFISSIONAL DE AERONAVES NO LABORATÓRIO DE VOO	26
Margareth Hasse, Ma. (UTP)	
“EMÍLIO: ALUNO OU DISCÍPULO”?	27
Paulo César de Carvalho Jacó, Me. (PPGE / UFSC)	
O APRENDIZ ROMÂNTICO: O CAMINHO EM BUSCA DA AUTOFORMAÇÃO	28
Daiane Eccel, Dra. (UFSC)	

OS ROMANCES DE FORMAÇÃO COMO RELATOS DE FORMAÇÃO DA PESSOA: A NARRATIVA DO SUJEITO MODERNO NO <i>BILDUNGSROMAN</i> – O CASO DE ÉMILE E SOPHIE OU OS SOLITÁRIOS	29
Neiva Afonso Oliveira, Dra. (UFPEL)	
Avelino da Rosa Oliveira Dr. (UFPEL)	
A EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL E A FORMAÇÃO HUMANA DO ALUNO.....	30
Eliete Maceno Novak, Ma. (UTP)	
OS ESPAÇOS MUSEAIS, A UNIVERSIDADE E OS ALUNOS DE ARTES VISUAIS.....	31
Jackelyne Corrêa Veneza, Ma. (PPGE UTP)	
Fausto dos Santos Amaral Filho, Dr. (UTP)	
DA INTEMPESTIVIDADE ZEN-BUDISTA NA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO.....	32
Gustavo Nassif, Lic. (PPGE / UFSC)	
O MAU ALUNO ENQUANTO MAL DO MESTRE.....	33
Vilmar Martins, Dr. (SED/SC)	
O RISO COMO INSTRUMENTO PARRESIÁSTICO EM NIETZSCHE: SOBRE O ALUNO CORAJOSO	34
Stefania Peixer Lorenzini, Ma. (PPGE / UFSC)	
A EXPERIÊNCIA DA RETERRITORIZAÇÃO NA VOZ DOS ALUNOS: UM REGIME SIGNIFICANTE.....	35
Albio Fabian Melchiorretto, Me. (PPGDR / FURB)	
Juarês José Aumond, Dr. (FURB)	
LA CONSTRUCCIÓN DEL ALUMNO DEL CONOCIMIENTO AL OLVIDO DE SÍ: UN ESTUDIO DE MONTAIGNE A SARMIENTO	36
Gabriela Ferreira Olaso, Lic. (FHUCE – UDELAR)	
QUEM É O ALUNO DA PEDAGOGIA KEMÉTICA?.....	37
Jeane Vanessa Santos Silva, Dra. (UFSC)	
“QUE DEVO FAZER”? LUZES E SOBRAS SOB O ALUNO, TRANSEUNTE DO SEU CONHECIMENTO.....	38
Paulo Becher Junior, Me. (PPGE UFSC)	
ANÁLISE DAS <i>TENDENZ</i> FORMATIVAS EM NIETZSCHE	39
Antonio Carlos Massignani, Me. (PPGE UFSC)	
PENSAR O ALUNO PARA ALÉM DA ZOÉ.....	40
Patrícia Prohmann, Ma. (PPGE UNIPAMPA)	
Sérgio Ricardo Silva Gacki, Dr. (UNIPAMPA)	

PROGRAMAÇÃO

Local de realização: Auditório EFI – Espaço Físico Integrado – UFSC

24/09 - TERÇA-FEIRA

16:00 RECEPÇÃO

Coral Escola Básica Municipal Alfredo Rohr

16:15 CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Laudatio Profa. Dra. Nadja Mara Hermann: “Uma homenagem ao Prof. Antônio Joaquim Severino”

Conferência de Prof. Dr. Antônio Joaquim Severino: “A formação do aluno no contexto cultural latino-americano: desafio atual para a filosofia da educação”

25/09, QUARTA-FEIRA

9h às 10h20 - MESA: Auto & Nomias

Moderador: Mauricio Langon

Andrea Diaz Genis, Dra. (UDELAR) El alumno de Montaigne y el alumno de Descartes: ¿convivencia o contradicción? Una recuperación.

Diogo Norberto Mesti, Dr. (UFSC) A famigerada autonomia

Ivan Maia de Mello, Dr. (UFBA) Como criar para si um corpoema: o ensino de filosofia da arte

10h30 às 12h – MESA: Criações

Moderador: Fausto dos Santos

Elcio Cecchetti, Dr. (UNOCHAPECÓ) O Aluno Como Invenção

Marilene de Melo Vieira, Dra. (UFV) Formação humana: projeto de autocriação do aluno.

Leonardo P. Garin, Lic. (PPGE UFSC) O paradoxo educacional – A falta de entendimento do ser humano e sua vinculação ao sistema educativo.

14h às 16h30 - Grêmios e protagonismo da Juventude

Moderador: Sandra Dalmagro

Juliana Walendy (Rede Municipal de Educação) A promoção do protagonismo juvenil na escola de ensino fundamental

Nataliê Andriara Be Cardoso (Rede Municipal de Educação) Os Encontros de Grêmios Estudantis das Escolas Municipais de Florianópolis: processo de formação continuada e exercício da cidadania

Nelice Camile Passos - Atuação nos grêmios

Roda de conversa aberta sobre protagonismo da juventude

Moderador: Diogo Mesti

Centro Acadêmico Livre Pedagogia: Maria E. Vilpert & Tainá T. Mesquista

Grêmio Estudantil Colégio de Aplicação: Cauê e Júlia

Centro Acadêmico de Filosofia: Victor H. G de Oliveira

Associação de Pós-Graduandos: Luis C. N. Vieira

16h40 às 17h30 – MESA: Aprendizagens

Moderador: Elcio Cecchetti

Fausto dos Santos Amaral Filho, Dr. (UTP) O que será que apreendemos quando estudamos filosofia?

Kátia A. P. Proença, Ma. (PPGE UFPEL); Neiva A. Oliveira, Dra. (UFPEL) O/A aluno (a) na perspectiva freiriana de ensino-aprendizagem.

26/09, QUINTA-FEIRA

9h0 às 10h20 – MESA: Espaços de transformação

Moderador: Rosana Moura

Adecir Pozzer, Me. (PPGE UFSC); Rosana Silva de Moura, Dra. (UFSC) Espacialidade enquanto dimensão formativa do aluno.

Priscilla Stuart da Silva, Dra. (UFSC) Juventude e formação em Walter Benjamin

Carolina Votto, Ma. (UFSC) O processo de formação humana como uma busca da verdade de si

10h30 às 12h - MESA: Episteme

Moderador: Jeane Santos

Alexandre Meyer Luz, Dr. (UFSC) Por uma educação epistemicamente responsável.

Cairu Vieira Corrêa, Ms. (UTP); Fausto dos Santos, Dr. (UTP) O aluno de Psicologia em meio a um dilema: Ciências Humanas ou Ciências da Saúde?

Margareth Hasse, Ma. (UTP) Reflexões sobre a aprendizagem do discente do curso superior de tecnologia em pilotagem profissional de aeronaves no laboratório de voo.

14h às 15h20 – MESA: Romantismos

Moderador: Vilmar Martins

Paulo César de Carvalho Jacó, Me. (PPGE UFSC) Emílio: aluno ou discípulo?

Daiane Eccel, Dra. (UFSC) O aprendiz romântico: o caminho em busca da autoformação.

Neiva Afonso Oliveira, Dra. (UFPEL); Avelino da Rosa Oliveira Dr. (UFPEL) Os romances de formação como relatos de formação da pessoa: a narrativa do sujeito moderno no Bildungsroman – o caso de Émile e Sophie ou os solitários

15h30 às 16h20 – MESA: Imaginações

Moderador: Neiva Oliveira

Eliete Maceno Novak, Ma. (UTP) A Educação em Tempo Integral e a Formação Humana do Aluno

Jackelyne Corrêa Veneza, Ma. (PPGE UTP) Os espaços museais, a universidade e os alunos de Artes Visuais

16h30 às 18h – MESA: Transformações

Moderador: Daiane Eccel

Gustavo Nassif, Lic. (PPGE UFSC) Da intempestividade Zen-budista na Filosofia da Educação.

Vilmar Martins, Dr. (SED/SC) O mau aluno enquanto mal do Mestre...

Stefânia P. Lorenzini, Ma. (PPGE UFSC) O Riso como instrumento parresíástico em Nietzsche: sobre o aluno corajoso

18h15 - Coral UFSC

Direção musical e regência: Miriam Moritz

27/09, SEXTA-FEIRA

9h às 10h20 – MESA: Decolonialidades e territórios

Moderador: Adecir Pozzer

Albio Fabian Melchiorretto, Me. (PPGDR FURB); Juarês José Aumond, Dr. (FURB) A Experiência da Reterritorialização na Voz dos Alunos: Um Regime Significante

Gabriela Ferreira Olaso, Lic. (MCH UDELAR) La construcción del alumno del conocimiento al olvido de sí

Jeane Vanessa Santos Silva, Dra. (UFSC) Quem é o aluno da pedagogia kemética?

10h30 às 12h00 – MESA: Potências

Moderador: Carolina Voto

Paulo Becher Junior, Me. (PPGE UFSC) “Que devo fazer”? Luzes e sobras sob o aluno, transeunte do seu conhecimento”

Antonio Carlos Massignani, Me. (PPGE UFSC) Análise das Tendenz formativas em Nietzsche

Patrícia Prohmann, Ma. (PPGE UNIPAMPA); Sérgio Ricardo Silva Gacki, Dr. (UNIPAMPA) Pensar o aluno para além da zoé

14:00 - CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

Moderação: Andrea Diniz

Mauricio Langon, Dr. Alumnos



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

EL ALUMNO DE MONTAIGNE Y EL ALUMNO DE DESCARTES: ¿CONVIVENCIA O CONTRADICCIÓN? UNA RECUPERACIÓN.

Andrea Díaz Genis, Dra. (UDELAR)

Hay dos modernidades posibles que marcan dos formas de ser alumno: la de los alumnos de Montaigne y la de los alumnos de Descartes. Parece que hubo una predominancia o triunfo en nuestra cultura del segundo sobre el primero, aunque en crisis; nosotros pretendemos reconciliarlos y mostrar la importancia y vigencia del alumno de Montaigne.

Estos dos alumnos habilitan dos aprendizajes posibles y dos formas diferentes de valorar el conocimiento y su producción y de entender el ser alumno como aprendiz de algo. Se puede ser alumno a lo Descartes o a lo Montaigne. O alumno cartesiano- montegniano.

Estos dos alumnos representan “dos modelos cognitivos” que se presentan muchas veces como antagónicos, aunque no lo son. La educación es el lugar privilegiado donde combaten o conviven.

El segundo alumno, el alumno de Descartes, entenderá que debe matar al alumno de Montaigne para pasar de ser sujeto de experiencia a ser sujeto de ciencia, partirá de una noción de verdad universalista, racional, lógico -matemática, que hablará de método científico, de objetividad, de distancia analítica, de experimento, de separación entre sujeto y objeto.

El primer alumno se presentará, en principio, como sujeto de conocimiento o de saber, mas no de ciencia. Dirá que no existe la verdad, pero hay que buscarla, que se puede conocer directamente, a partir de la experiencia y de la reflexión, que hay un sujeto de conocimiento privilegiado que es el propio sujeto singular y un tema de conocimiento fundamental que es la propia la propia vida.

Este alumno producirá ensayo o narración a partir de una noción de verosimilitud sin desconocer la argumentación y la cultura y podrá vivir a partir de la incertidumbre. El otro alumno producirá ciencia, verdad, objetividad, certezas y entenderá que su saber es universal. El segundo alumno se presentará a sí mismo como el que trae la luz, la civilización y la cultura. Este alumno ha quedado implicado en la crisis de la modernidad, aunque no se ha comprometido su poder, su predominancia y su vigencia en la actualidad.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

El primero alumno producirá un saber implicado, y dirá que si bien es subjetivo no es arbitrario y que en cada sujeto está toda la humanidad.

Jerome Bruner, quien fuera en su momento el que habló de estos “dos modelos cognitivos”: el narrativo o literario y el lógico matemático, dirá que son complementarios.

El alumno de Montaigne tendrá como tema fundamental dentro de la filosofía a la ética, entendida como la que responde a la pregunta de cómo debemos vivir, la más importante pregunta de la filosofía, sin descartar las demás formas de conocimiento y partes de la filosofía. Entenderá que la filosofía es una forma de vida. El segundo alumno, tratará a la filosofía como un saber menor sólo valido en tanto auxiliar de su forma de concebir la ciencia.

El segundo separará la ética de la ciencia, el cuerpo de la razón, la verdad de la experiencia. El segundo partirá de una subjetividad abstracta, el primero afirmará un sujeto singular.

Lo cierto es que estos discípulos convivieron a partir de la modernidad a lo largo de la historia del pensamiento, pero Foucault comenta en la *Hermenéutica del Sujeto* que pretendieron separarse a partir del llamado “momento cartesiano”. Foucault entiende que la recuperación del sujeto de la experiencia singular (para nosotros alumno de Montaigne), implica la reivindicación hoy día de una estética de la existencia o de un estilo de vida.

Me interesa ver de qué manera, ambos discípulos o alumnos son hijos de Montaigne y cómo conviven o podrían convivir en el momento contemporáneo y más concretamente en la educación en nuestros días.

Si bien, Descartes es hijo de Montaigne, el cartesianismo rechazó tal paternidad y ha tratado de deslegitimarla.

Lo cierto es que hay una modernidad “otra” que ha permanecido resistente, aun en la sombra y hay muchas voces en la contemporaneidad, entre ellas la decolonialidad, que tratan de recuperar otras formas de saber que no son las del alumno cartesiano y que habitan en otras epistemologías reivindicando los saberes de la experiencias descolonizadas. También existen una serie de metodologías a partir de las hermenéuticas que quieren recuperar para sí el valor científico de lo narrativo y literario, haciendo de la experiencia de sí y su expresión, un elemento más que valioso para comprender el mundo y a nosotros mismos y toda una forma de hacer conocimiento científico -también en educación- desde las ciencias humanas y sociales.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

Otros que recuperaran para el aula la importancia de la educación a partir de la experiencia como Jorge Larrosa, y otros que denuncian la pobreza o la eliminación de la experiencia en la época contemporánea, como Agamben.

Palabras claves: Descartes, Montaigne, modelo lógico matemático, modelo narrativo y ensayístico, la razón y la experiencia, modelos cognitivos, formas de entender el alumno desde la razón y la experiencia del autoconocimiento. Formas de ser alumno desde dos tradiciones de la Modernidad que lejos de ser antagónicas se complementan.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

A FAMIGERADA AUTONOMIA

Diogo Norberto Mesti, Dr. (UFSC)

O que afinal é preciso levar em conta para compreendermos e definirmos autonomia? Quais elementos precisam ser abordados para que a autonomia se revele como um conceito complexo vinculado ao conceito de liberdade? E em que medida o modo como ensinamos e avaliamos (nossos métodos de ensino e de estudos) estão ligados a um modo de viver essa liberdade? Será que existe um modo de vida subentendido no ensino da gramática normativa e da matemática formal? Pretendemos apresentar três tipos de alunos, que lidam com mais ou menos liberdade em relação às normas e a partir disso repensar o papel da formação ética a partir da discussão do conceito de liberdade. O primeiro aluno é aquele aluno que segue todas as regras e normas com vigor (um seguidor de uma ética deontológica, por exemplo, um escritor e falante das normas culta da língua e um excelente calculador a partir de fórmulas matemáticas); o segundo aluno é aquele que segue as regras com prudência e moderação, dependendo das circunstâncias utiliza a norma culta, em outras circunstâncias não e aquele que não segue nenhuma regra.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

COMO CRIAR PARA SI UM CORPOEMA: O ENSINO DE FILOSOFIA DA ARTE

Ivan Maia de Mello, Dr. (UFBA)

A proposta experimentada no ensino superior no contexto do ensino de Filosofia da Arte, no Bacharelado Interdisciplinar em Artes da UFBA parte da problematização filosófica de um dos grandes temas do pensamento de Nietzsche, discutido ao longo de sua obra com diferentes formulações e considerado aqui como a questão da autocriação, processo no qual o ser em devir cria a si mesmo, definindo seu modo de existência a partir de seu corpo, que o Zarathustra de Nietzsche considera como o ser próprio e o chama de “corpo criador”, aquele que “quer criar para além de si”, pensado aqui como um corpoema. Este foi um tema da reflexão nietzschiana desde a fase inicial em sua juventude, quando pensou o cultivo de si como percurso no qual ocorre a educação de si, pensada aqui como autocriação do corpoema.

Esta proposta dialoga com o pensamento do filósofo da educação Dante Galeffi em sua obra *O ser-sendo da filosofia*, onde concebe a *vita poemática*, conceito elaborado a partir de sua proposta no âmbito da filosofia da educação denominada “compreensão poemático-pedagógica”, que concebe o “viver poeticamente” como uma “vita poemática”. O pensamento e a ação poemáticos se inserem num projeto aberto às possibilidades de uma aprendizagem cultural e histórica própria e apropriada à autocriação do corpoema.

O ensino de filosofia da arte tem sido pautado pelas considerações históricas relativas à estética filosófica e assim recebeu grande influência da perspectiva que dá ênfase à experiência de recepção da obra de arte, envolvendo mais a compreensão da percepção estética do que o estudo das diversas poéticas que surgiram com a diversidade de estilos de criação.

A compreensão dos processos de criação é considerada no ensino de Filosofia da Arte, na perspectiva corpoética, de modo privilegiado em relação à compreensão da recepção estética das obras, e assim torna-se necessário a experimentação de possibilidades de criação em linguagens artísticas envolvendo o corpo e a palavra por meio da potência da intuição criadora. Esse processo, considerado como processo de subjetivação singularizante, experimenta fazer da vida uma obra de arte, definindo seu estilo para uma estética da existência através da incorporação das poéticas e estéticas estudadas.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

O ALUNO COMO INVENÇÃO

Elcio Cecchetti, Dr. (UNOCHAPECÓ)

Esta proposta de comunicação concebe o *aluno* como uma construção histórico-social inventada pelos adultos e pela instituição escolar. Apoiado na obra de Gimeno Sacristán (2005), reconhece que o *ser aluno* está associado à condição infantil ou de menor em sociedades escolarizadas. Na realidade, o adulto vê a criança como menor, e esta acaba se reconhecendo como ser inferior, frágil e dependente dos mais velhos. Desse modo, *ser aluno* foi e continua sendo uma experiência e uma condição social fundamentalmente dos menores, configurando uma identidade singular. Trata-se de uma invenção decorrente de práticas sociais e discursivas emanadas e difundidas a partir da posição do *adulto* e do *maior*. A partir do século XX, essa invenção começou a ser generalizada para designar todos aqueles que frequentavam os diferentes níveis do sistema educacional, os quais são sistematicamente educados e tutelados por adultos. Em síntese, pretende-se discutir a condição do *aluno* como menor que é guiado e tutelado pelos adultos, segundo certos padrões e procedimentos adotados pelas instituições escolares, que reforçam o exercício da autoridade dos maiores contando com a legitimidade delegada pelas famílias e pela sociedade.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

FORMAÇÃO HUMANA: PROJETO DE AUTOCRIAÇÃO DO ALUNO

Marilene de Melo Vieira, Dra. (UFV)

O mundo histórico é o mundo do fazer humano. Esse fazer está sempre em relação com o saber, mas esta relação precisa ser elucidada” (90), o que consiste no “[...] trabalho pelo qual os homens tentam pensar o que fazem e saber o que pensam. (CASTORIADIS, 1982, p. 14).

E é a elucidação, o pensamento, que deve ser concretizado, quando se toma como “objeto” a atividade da educação.

Para o filósofo, o essencial da educação é a própria relação que se estabelecerá entre a criança e o educador, e a evolução desta relação, dependerá do que um e outro farão.

Como atividade consciente, realiza-se numa lucidez “relativa”, pois o seu objeto é o novo e o “[...] seu próprio sujeito é transformado constantemente a partir desta experiência em que está engajado e que ele faz, mas que o faz também” (1982, p. 96).

Assim, a educação é práxis, porque, atividade lúcida, deliberada e deliberante, seu objeto, sua finalidade, é o próprio exercício dessa lucidez e dessa deliberação. Na educação, portanto, o fim corresponde à própria atividade que o produz: a autocriação. (VALLE, 2002, p. 271).

BIBLIOGRAFIA

CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto 3: o mundo fragmentado**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

VALLE, L. A. B. do. A educação como enigma e como atividade prático-poética: implicações para o ensino da Filosofia da Educação. **Perspectiva**, Florianópolis, v.18m n. 34, p. 33-47, jul./dez. 2000c.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

O PARADOXO EDUCACIONAL - A FALTA DE ENTENDIMENTO DO SER HUMANO E SUA VINCULAÇÃO AO SISTEMA EDUCATIVO

Leonardo P. Garin, Lic. (PPGE / UFSC)

Educação é importante, mas deve ser educação de qualidade. Até aí, parece que encontramos consenso. O problema começa quando a aplicação das políticas educacionais acontece na prática. Aí temos discordâncias. A razão disso, no nosso ponto de vista, não está na intenção, ou seja, na aplicação do ensino de qualidade, mas no entendimento de sujeito que receberá essa 'condução'. A discordância no campo educacional escancara justamente o entendimento que temos desse sujeito, indivíduo, ser humano, aluno, estudante, mathetes, alumnus, etc.

A discussão sobre a constituição desse sujeito remonta toda a história humana, com fundamental participação da filosofia e das ciências na contribuição do entendimento. É a partir do entendimento de sujeito que estabelecemos nossa relação interativa. E as relações humanas, sendo inerentes a existência, temos na realidade uma multiplicidade de experiências interativas, que gera uma polifonia de leituras sobre seu funcionamento. Generalizações nesse sentido aniquilariam as potencialidades. Particularismos dificultariam o ensino das massas. É o conceito, ideia fixa, de um lado e o ser humano enquanto pessoa de sensações do outro.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

O QUE SERÁ QUE APRENDEMOS QUANDO ESTUDAMOS FILOSOFIA?

Fausto dos Santos Amaral Filho, Dr. (UTP)

“Encontro-me entorpecido; sim, entorpecido, tanto na alma como no corpo, sem saber responder-te”. (PLATÃO, 80 b).

Se a filosofia parece exigir uma temporalidade própria, sendo apenas devagar que podemos alcançá-la, requerendo, para tanto, inclusive “um treino demorado” (HEIDEGGER, s/d, p. 14), é sempre subitamente que ela se insinua. Insinua-se, mas não se entrega, assim, logo no primeiro encontro. Aliás, podemos mesmo passar anos a fio cortejando-a, sem que possamos adentrar propriamente em seu coração, contentando-nos, apenas e tão somente, em seguir os seus passos.

Se de fato a filosofia é uma espécie de amor à sabedoria, tal amor, assim como o ser, também pode ser dito, ou melhor, efetivado das mais variadas formas. Contudo, apesar disso, não parece difícil, antes pelo contrário, responder a nossa questão de maneira rápida e imediata, prontamente como convém às necessidades do mundo em que vivemos: o que será que aprendemos quando estudamos filosofia? Ora, se quando estudamos biologia aprendemos biologia, e não outra coisa, o que pode ser dito tanto da química quanto da física, por exemplo, e, da mesma forma, de todos os outros campos do saber, parece óbvio que quando estudamos filosofia aprendemos filosofia! Certamente, ao que parece, não poderia ser diferente. Se estudamos filosofia é para aprendê-la. Mas como o fazemos? Estudando-a, *por supuesto*.

Ao que tudo indica, até aqui, para respondermos a nossa pergunta permanecemos no campo da obviedade. Afirmando tautologicamente o mesmo, ainda que tenhamos uma resposta pronta, temos a sensação de que efetivamente não saímos do mesmo lugar. Inertes, encontramos entorpecidos, assim como o jovem Mênon, do homônimo diálogo de Platão.

Sendo assim, é realmente espantoso que alguém possa revelar algum interesse em estudar filosofia, se, ao invés de simplesmente contentarmos-nos com a resposta dada para a nossa pergunta, ficamos especialmente confusos com ela. Talvez, se escutarmos a explicação do filósofo para a queixa de Mênon, possamos apaziguar a nossa perplexidade. Ouçamo-la, portanto: “Não é por me encontrar seguro de mim mesmo que provoço confusão no espírito dos outros; pelo



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

contrário: é por ver-me na maior perplexidade que também deixo os outros confusos” (PLATÃO, 80 d).

Ora, é isso que podemos aprender quando estudamos filosofia, praticamente nada, além de tamanha confusão? O filósofo, aquele que poderia nos deixar seguros em relação à filosofia, dizendo-nos claramente o que é que aprendemos quando estudamo-la é, antes pelo contrário, uma figura confusa que não pode nos oferecer nada de útil para além de toda essa confusão? O que, diga-se de passagem, o jovem Mênom já sabia, antes mesmo de procurar o filósofo, solicitando o seu ensino: “Sócrates, eu já tinha ouvido falar, antes mesmo de conhecer-te, que não fazias outra coisa senão confundir-te e levar os outros à confusão” (PLATÃO, 80 a).

Mas então, se já sabia de toda essa confusão, por que é que Mênom foi procurar o filósofo com o intuito de aprender? Será que o jovem estudante de filosofia também é, ele próprio, uma pessoa confusa, que nem sabe bem ao certo o que é que pode aprender estudando filosofia? Será que o jovem confuso direciona-se para a filosofia porque não saberia fazer nada de mais proveitoso, tanto para si mesmo quanto para a sociedade? Será que Cálicles, personagem do *Górgias*, tem mesmo razão?¹ Será que nós mesmos não estamos confusos diante da confusão a que fomos levados por nossa pergunta? Afinal, o que esperar de um suposto conhecimento que, apesar de tantos anos e de tantos investimentos não é capaz de registrar uma patente sequer? Será que Cálicles somos nós? Ou será que estamos com má vontade para com aquela que só deveríamos agradecer? Mãe de todas as ciências, fundamento do mundo ocidental! Será que, ao fim e ao cabo, a filosofia pode ser aprendida? Mas, se não pode ser aprendida, o que fazem os alunos durante os cursos que são ofertados, inclusive com investimentos públicos? Balburdia? Entorpecessem, assim como Mênom? Temos que ver isso daí, *talkei*? Vejamos, então.

¹ “Como disse há pouco, quem assim procede, por mais bem-dotado que seja, deixa de ser homem; foge do coração da cidade e das assembleias, onde, exclusivamente, no dizer dos poetas, os homens de distinguem, para meter-se num canto o resto da vida, a cochichar com três ou quatro moços, sem jamais proferir um discurso livre, grande e generoso. A teu respeito, Sócrates, tenho a melhor disposição, parecendo-me que meus sentimentos podem ser comparados aos de Zeto em relação a Anfião, na peça de Eurípides a que há pouco me referi. Sinto-me inclinado a falar como ele falava para o irmão, e dizer-te que descuras, Sócrates, do que devias cuidar e estragas tua alma tão superiormente dotada com a adoção de gestos pueris, e que nas deliberações da justiça és incapaz de falar como convém, por maneira clara e persuasiva, ou de apresentar em causa estranha algum conselho aproveitável. Por tudo isso, meu caro Sócrates – não te ofendas com o que eu disser, pois a amizade que te dedico é que me leva a falar dessa maneira -, não consideras vergonhoso teres chegado ao estado em que te vejo e, contigo, os que prolongam desse modo o estudo da filosofia?” (PLATÃO, 485 d – 486 a).



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

É, ao que parece, o mais provável é que tenhamos pegado um caminho errado ao recorrermos a Platão, um filósofo do passado, para tentarmos responder a nossa questão. Pois, desde que Sócrates foi condenado à morte por seus conterrâneos, quanta coisa mudou! Creio que ninguém vai mais ao mercado com o intuito de aprender filosofia. Creio até mesmo que nos dias de hoje o mercado está pouco se lixando para ela. Aliás, nem sei bem ao certo se os gregos de outrora iam de fato ao mercado para *aprender* filosofia, ou antes, para filosofar. Mas o fato é que hoje, todo aquele que quiser aprender filosofia, de uma maneira socialmente válida como convém, deve matricular-se em uma instituição credenciada junto aos órgãos governamentais, cujo Curso de Filosofia seja autorizado e reconhecido pelo Estado. Assim, convenientemente institucionalizado, com o seu número de matrícula devidamente registrado, é seguro que o aluno, estudando, aprenderá filosofia. Mas como? Simples! Cursando as disciplinas, submetendo-se às avaliações, seguindo judiciosamente a grade curricular, apropriando-se dos seus conteúdos.

Dessa maneira, por exemplo, o aluno deverá cumprir 150 créditos, perfazendo 3000 horas entre disciplinas obrigatórias (96 créditos) e optativas (54 créditos), no mínimo em quatro anos, no máximo em seis. No primeiro período deverão ser cursadas as seguintes disciplinas obrigatórias: Introdução à Filosofia e Introdução à Filosofia I; no segundo: Filosofia Geral e Filosofia Geral I; no terceiro: História da Filosofia I e Lógica I; no quarto: História da Filosofia Medieval I e Ética e Filosofia Política I; no quinto: Estética I e História da Filosofia Moderna I; no sexto: História da Filosofia Moderna II e Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência I; no sétimo: História da Filosofia Contemporânea I e Teoria das Ciências Humanas I. Já as disciplinas optativas deverão ser escolhidas dentre a seguinte oferta a partir do terceiro período: Filosofia Antiga III; Filosofia Geral III; História da Filosofia Moderna III; História da Filosofia Contemporânea III; Lógica III; Filosofia do Conhecimento e Filosofia da Ciência III; Teoria das Ciências Humanas III; Ética e Filosofia Política III; Estética III; História da Filosofia Medieval III; Práticas de Leitura e Escrita Acadêmicas. No quarto período: História da Filosofia Antiga II; Lógica II; Filosofia da Lógica; Filosofia e História da Ciência Moderna; Filosofia da Linguagem; Filosofia da Arte; Filosofia Geral II; Filosofia Geral IV; História da Filosofia Contemporânea IV; Estética IV; Lógica IV; Ética e Filosofia Política IV. No quinto período: História da Filosofia Medieval II; Ética e Filosofia Política II; História da Filosofia Moderna V. No sexto período: Estética II; História da Filosofia Moderna IV; História da Filosofia Antiga IV. No sexto período: Estética II; História da Filosofia Moderna IV; História da



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

Filosofia Antiga IV. No sétimo período: Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência II. No oitavo período: História da Filosofia Contemporânea II; Teoria das Ciências Humanas II; Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência IV; Questões de Ensino da Filosofia; História da Filosofia Moderna IV; Teoria das Ciências Humanas IV; História da Filosofia Medieval IV.

Ufa! Não deve ser fácil estudar filosofia! Que ninguém menospreze a árdua tarefa daquele que conclui seus estudos! Formado em filosofia, agora, sem sombra de dúvida, merece receber a alcunha de filósofo! Pelo que podemos inferir do currículo ao qual foi submetido, exímio conhecedor da história da filosofia e de temas afins, como lógica, teoria do conhecimento e estética, com o diploma devidamente registrado em conformidade com a Lei nº 9.394/96 do nosso país, está apto para exercer a sua profissão. Mas o que faz um filósofo?

Diferentemente do tempo de Sócrates, o formado em filosofia não precisa ficar andando por aí, enchendo o saco dos outros, arriscando-se a beber uma boa dose de cicuta, não. Como todos nós sabemos, o filósofo é sobretudo um professor. Mas não é só isso. Basta dar um Google para vermos que as oportunidades para o formado não se restringem a isso, havendo, antes, uma série de oportunidades. O filósofo pode, por exemplo, ser um consultor, exercendo suas funções junto a hospitais, museus, empresas e editoras. Também pode aconselhar políticos e clinicar. Pode até mesmo ganhar muito dinheiro estabelecendo-se, *up to date*, como *coach*. E, como podemos imaginar, nos umbrais da sociedade 5.0, as oportunidades ampliar-se-ão ainda mais, aumentando consideravelmente as possibilidades de inserção do filósofo no mercado de trabalho, *ocupando* os mais variados cargos.

Mas será que assim ocupado o filósofo ainda terá tempo para pensar? Afinal, como atesta o título daquela que muito provavelmente é a coleção de filosofia mais importante no Brasil, os filósofos não são os pensadores? Mas será que só os filósofos são capazes de pensar? Quanta presunção! Afinal, se a clássica definição de ser-humano diz que somos animais racionais, não é justamente pelo fato de todos nós, sem exceção, pensarmos?

De qualquer forma, se “os filósofos são os pensadores” (HEIDEGGER, 2002, p. 113), e isso quem nos diz é o próprio filósofo, no caso Martin Heidegger, talvez já possamos responder a nossa questão, dando por encerrado o nosso questionamento: o que será que aprendemos quando estudamos filosofia? Ora, pelo que está posto, aprendemos a pensar.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

Mas será que assim a nossa questão está definitivamente respondida e, com isso, podemos parar por aqui, encerrando nosso pensamento, restando-nos no máximo encaminhar o fechamento da nossa fala, para que possamos, de uma vez por todas, acrescentar-lhe, apenas e tão somente, um ponto final, ao invés de tantas interrogações?

Duvidamos!



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

O/A ALUNO (A) NA PERSPECTIVA FREIRIANA DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Kátia A. P. Proença, Ma. (PPGE UFPEL)

Neiva A. Oliveira, Dra. (UFPEL)

O artigo aborda a temática do(a) aluno(a), enquanto figura, na constituição de um ser autônomo, consciente e emancipado na perspectiva freiriana. Nos últimos tempos, o legado de Paulo Freire tem sofrido muitos ataques quanto à sua relevância para a educação no Brasil. Por isso, é importante destacá-lo em nosso artigo, explorando as questões centrais que estruturam suas obras e práticas educacionais. Para Freire, o(a) aluno(a), não é um mero receptor de conhecimento, é um agente no processo de ensino-aprendizagem, pois não há aprendizagem significativa sem a interação do(a) aluno(a) com o conhecimento sistemático da escola. Compreendemos que a aprendizagem deve ser proporcionada por meio da conscientização, despertando a curiosidade que seria dos primeiros passos. A estética, a ética, a experiência e a leitura de mundo são aspectos a serem levados em conta pelo educador que pretenda a emancipação de seus alunos e interlocutores. Esses conceitos fundantes na teoria freiriana são a base de uma educação que percebe o(a) aluno(a) como um ser inacabado e revela as possibilidades para a emancipação do ser. Com o fim de discutir que figura de alunos temos atualmente em nossa sociedade, retomar as ideias de Paulo Freire, projetando que cidadão queremos para o futuro da nação brasileira é deveras atual e relevante.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

ESPACIALIDADE ENQUANTO DIMENSÃO FORMATIVA DO ALUNO

Adecir Pozzer, Me. (PPGE UFSC)

Rosana Silva de Moura, Dra. (UFSC)

O aluno está desde sempre situado hermeneuticamente e a isso lhe corresponde uma determinação espaço-temporal, perfazendo sua formação. Embora tempo e espaço sejam categorias conceituais interdependentes e constituintes da cotidianidade, é objetivo deste texto dar ênfase ao elemento da espacialidade enquanto uma dimensão formativa. Trata-se, aqui, de uma incursão filosófica. Isso implica perguntar: Como os espaços educacionais formais, como é o caso da universidade repercutem na formação humana do aluno? Em que medida esta impregnância de espacialidade repercute um caráter ético-político na e com a formação? Que dizer da espacialidade aí?



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

JUVENTUDE E FORMAÇÃO EM WALTER BENJAMIN

Priscilla Stuart da Silva, Dra. (UFSC)

Desde sua trajetória intelectual como estudante secundarista, Benjamin entrou em contato com concepções de mundo que deixaram marcas profundas em seu pensamento. E foi em um internato, na cidade de Haubinda, que passou a desenvolver muitas de suas ideias relacionadas à vida do espírito, à reforma educacional e à sua concepção geral idealista sobre a formação humana, sobretudo por intermédio e influência de Gustav Wyneken, educador que havia sido diretor da escola rural em que Benjamin permanecera dois anos. Essas ideias aparecerão mais tarde, quando Benjamin se vincula à ala mais radical do Movimento da juventude alemã (*Deutsch Freie Jugendbewegung*), cuja intenção era a de “propagar no ambiente universitário as ideias de uma cultura juvenil independente” (WITTE), as quais consistiam na reforma do espírito e em questões relacionadas à vida juvenil. As críticas realizadas por Benjamin nos ensaios do início de sua produção intelectual, como *A vida dos estudantes* e *Experiência*, apontam caminhos para a reforma escolar (*Schulreform*) e ainda conferem uma importância decisiva atribuída à formação em geral. E é pensando na formação que Benjamin constrói e desenvolve a imagem do jovem enquanto potência, energia ou mesmo força plástica de ação mobilizadora.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

O PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA COMO UMA BUSCA DA VERDADE DE SI

Carolina Votto, Ma. (UFSC)

O ensaio intitulado *O processo de formação humana como uma busca da verdade de si* trata de abordar a importância de se pensar o conceito de verdade sob o prisma nietzschiano, e sua interlocução com os quatro discursos sobre a veridicção presentes na Antiguidade grega através da interpretação foucaultiana acerca do conceito de *parresia*. Ainda busca-se relacionar os discursos sobre a verdade e as possibilidades formativas diante da descoberta de uma verdade de si que contemple uma leitura de como esta se insere no corpo do discípulo permitindo que este enalteça o exercício do cuidado de si e dos outros. Para tanto discutiremos as possibilidades conceituais em torno da construção de uma subjetividade que incorpore o exercício de pensamento *etopoiético* enquanto uma estilística da existência.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

POR UMA EDUCAÇÃO EPISTEMICAMENTE RESPONSÁVEL

Alexandre Meyer Luz, Dr. (FIL/UFSC)

A epistemologia desenvolvida pela tradição anglo-saxã nos últimos cinquenta anos tem gerado frutos nas mais variadas direções, tanto na Epistemologia Primária quanto na Epistemologia Social. Este trabalho pretende defender a utilidade de algumas destas contribuições para a discussão educacional. Mais particularmente, pretendemos sugerir os contornos de uma “educação epistemologicamente responsável”, que possa intermediar os valores intrínsecos aos currículos e o interesse na emancipação dos estudantes. Esta proposta abrange as seguintes estratégias: 1) Desenvolvimento de material didático para o desenvolvimento de habilidades de avaliação epistêmica e para aquisição de vocabulário epistemológico, aproveitando os resultados teóricos de inúmeras discussões epistemológicas, que podem ser resumidas em questões como “o que é ser dogmático?”, “o que é ser intelectualmente virtuoso?”, dentre tantas; 2) desenvolvimento de propostas de Inserção de objetivos epistemológicos nos currículos de outras disciplinas, a fim superar uma leitura meramente instrumental de atividades como a investigação científica, lembrando que se trata de um modo de desenvolvimento de uma visão de mundo e não apenas de um conjunto de ferramentas para a solução de desafios práticos; 3) Desenvolvimento de material voltado ao esclarecimento dos aspectos sociais do conhecimento, particularmente aqueles associados às infiltrações viciosas em processos de avaliação epistêmica.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

O ALUNO DE PSICOLOGIA EM MEIO À UM DILEMA: CIÊNCIAS HUMANAS OU CIÊNCIAS DA SAÚDE?

Cairu Vieira Corrêa, Me (UTP)

Fausto dos Santos, Dr. (UTP)

Desde o seu projeto de institucionalização acadêmica e aquisição de uma autonomia científica, a Psicologia evidencia uma ambiguidade frente à sua vinculação científica, horas aproximando-se do terreno das ciências humanas, horas às ciências da natureza. Atualmente permanecem divergências frente às especificidades do campo psi, haja visto que algumas universidades alocam o curso de Psicologia na área das ciências humanas e outras nas ciências da saúde. A ausência de uma reflexão epistemológica, estabelecida para além de uma perspectiva pragmática/tecnicista, desfavorece o esclarecimento do aluno acerca da sua área de estudo, com possíveis prejuízos na estruturação de uma identidade profissional. Em meio à pluralidade de concepções psicológicas, ao longo da sua formação, o aluno é conduzido a escolher uma abordagem teórica/metodológica, algo que, em muitos casos lhe desperta angústia. Além disso, não é raro identificarmos perspectivas ideológicas, até mesmo dogmáticas, de alunos e profissionais da Psicologia ao defenderem a eficácia de suas técnicas e a “genialidade” dos seus respectivos autores/tutores. Com isso, identifica-se o risco de a formação da identidade profissional do psicólogo ser subjugada à filiação à uma determinada doutrina, não facilitando a emancipação do aluno e à sua possibilidade de refletir os fenômenos da vida psíquica de forma crítica.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

REFLEXÕES SOBRE A APRENDIZAGEM DO DISCENTE DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM PILOTAGEM PROFISSIONAL DE AERONAVES NO LABORATÓRIO DE VOO

Margareth Hasse, Ma. (UTP)

O trabalho trata de uma prática inovadora de aprendizagem com o uso de um cenário de simulação em laboratório de voo que, integrado com outras estratégias didáticas, gera impacto positivo na aprendizagem do aluno, elevando a motivação e a responsabilidade desse sobre o seu aprendizado. O pilar da aprendizagem significativa está na figura do aluno como protagonista do próprio aprendizado, do docente como mediador e da tecnologia como cenário. A aprendizagem baseada em cenário de simulação requer do aluno uma atitude ativa em direção ao aprendizado por meio do uso de cenários que se aproximam do real, contextualizando a aprendizagem. O objetivo deste estudo é refletir sobre a prática inovadora de aprendizagem no desenvolvimento da autonomia e da criatividade do acadêmico, quando há a inserção de tecnologia, como forma de apropriação de conceitos científicos e das suas aplicações na prática social.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

“EMÍLIO: ALUNO OU DISCÍPULO”?

Paulo César de Carvalho Jacó, Me. (PPGE / UFSC)

O texto, em produção, tem por objeto a análise da obra do filósofo Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778) - “**Emílio**, ou Da Educação” (1762). Os discursos de expert nos estudos desse filósofo apontam a obra em destaque como um dos mais notórios e férteis tratados sobre educação. A hipótese que orienta nossa escrita constitui-se na possibilidade de encontrar na obra Emílio, componentes (informações) que deem conta de estabelecer uma reflexão a partir da pergunta que constitui o objetivo norteador da produção textual (investigação): “Emílio: aluno ou discípulo”? A questão proposta pressupõe, de forma implícita, a existência na literatura filosófica, da distinção conceitual entre aluno e discípulo (o que a posteriori será realizado e usado como ponto de referência); por isso, uma descrição, ou apontamentos, dessas duas categorias tornar-se-á necessária.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

O APRENDIZ ROMÂNTICO: O CAMINHO EM BUSCA DA AUTOFORMAÇÃO

Daiane Eccel, Dra. (UFSC)

Surgido como tentativa de crítica ao Iluminismo e acentuando a ótica das emoções, surge com o movimento romântico um novo tipo de indivíduo: aquele que enxerga no mergulho em si próprio uma maneira de autoformar-se. Neste movimento, as figuras de mestre e aprendiz ou mestre e aluno também ganham novas configurações, já que se, por um lado, o processo de formação segue o modelo que vinha sendo praticado até então, por outro, a autoformação por parte do indivíduo se fortalece. Este trabalho, portanto, tem como objetivo, investigar o aprendiz romântico, ou seja, lançar uma mirada investigativa a partir da perspectiva daquele que se (auto)forma no cerne do movimento. Para tanto, devemos averiguar quais são os elementos estéticos e morais sobre os quais o aprendiz se apoia em sua jornada, bem como analisar sua relação com um possível mestre que lhe guia no caminho da autoformação romântica.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

OS ROMANCES DE FORMAÇÃO COMO RELATOS DE FORMAÇÃO DA PESSOA: A NARRATIVA DO SUJEITO MODERNO NO *BILDUNGSROMAN* – O CASO DE ÉMILE E SOPHIE OU OS SOLITÁRIOS

Neiva Afonso Oliveira, Dra. (UFPEL)

Avelino da Rosa Oliveira Dr. (UFPEL)

O texto pretende identificar e caracterizar o modo de ser dos protagonistas do Bildungsroman (romance de formação). Como modo de ser, entendemos também o contexto dos mesmos ou o mundo vivido por eles ou, ainda, aquilo que alguns de nós costumamos denominar entorno. Para tanto, em primeiro lugar, como apoio, utilizamos o recurso de retornar a algumas obras que podem ajudar-nos a decifrar nossa trajetória formativa, interpretar o mundo das nossas relações, e o modo como vamos nos percebendo como seres em formação. Quem somos, afinal?, é a questão que colocamos como fio condutor na argumentação. As ideias de que o sujeito, ou sua formação, é construção, é desenvolvimento, um horizonte a ser atingido e também a de que os romances de formação são relatos da caminhada formativa do personagem são as que nos movem na direção principal de que *Émile e Sophie* ou *os Solitários* de Jean-Jacques Rousseau também é um Bildungsroman que, inclusive inaugura a forma moderna da autobiografia.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

A EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL E A FORMAÇÃO HUMANA DO ALUNO

Eliete Maceno Novak, Ma. (UTP)

O presente estudo teórico apresenta resultados parciais de uma pesquisa em desenvolvimento sobre a formação humana integral. Esta, se desenvolve em escolas públicas de ensino fundamental em tempo integral da rede municipal de educação de Curitiba. Seu objetivo é pensar a cerca das contribuições da escola em tempo integral para a formação humana dos alunos. Partimos das inquietações observadas nessa experiência educativa para discutirmos a formação humana que é oferecida aos alunos da educação em tempo integral. Para subsidiar o debate, recorreremos ao campo da Filosofia da Educação, em Kant, filósofo, que pressupôs que “o ser humano só pode se tornar humano através da educação” e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que orienta os princípios éticos, políticos e estéticos para a formação humana integral.

Assim, problematizaremos a concepção de formação humana envolvidas nas práticas pedagógicas, bem como o trabalho pedagógico para a formação humana integral dos alunos, algo extremamente complexo, entretanto, preparar para a complexidade da vida moderna é uma necessidade, além da premissa de desenvolvermos a capacidade de humanizar a sociedade.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

OS ESPAÇOS MUSEAIS, A UNIVERSIDADE E OS ALUNOS DE ARTES VISUAIS

Jackelyne Corrêa Veneza, Ma. (PPGE UTP)

Fausto dos Santos Amaral Filho, Dr. (UTP)

É na década de 40 que a museologia se afirma como campo intelectual e a partir daí as discussões e as produções bibliográficas sobre a relação entre educação e museus começam a se consolidar. Contudo, o aluno não é estimulado à vivência de experiências estéticas em espaços de arte, por questões geográficas ou mesmo burocráticas do meio escolar, ficando restrito ao espaço da sala da aula. Ir ao museu é um hábito a ser constituído e incentivado e o aluno precisa ser agente atuante na construção das relações possíveis entre esses dois espaços institucionais tão presentes na sociedade moderna, o museu (nos restringiremos a pensar o museu de artes visuais) e a universidade. Como o aluno de Artes Visuais se beneficia da relação entre essas instituições? A prática educativa dos museus amplia o repertório de informações e permite uma postura mais sensível e crítica dos alunos diante da produção artística? Assim, a luz do pensamento de Hegel e de Adorno, objetivamos compreender a relação que norteia a ação dos alunos dos cursos de formação inicial em Artes Visuais (bacharelado e licenciatura) nas práticas educativas dos museus e as teorias estudadas.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. *Teoria estética*. (Tradução de Artur Mourão). São Paulo: Martins Fontes, 1982.

HEGEL, G. W. F. *Curso de estética: o sistema das artes*. Trad. Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

IBRAM. *Política nacional de educação museal, PNEM*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2017.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

DA INTEMPESTIVIDADE ZEN-BUDISTA NA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Gustavo Nassif, Lic. (PPGE / UFSC)

Entre a longa história da Filosofia da Educação e o tempo presente, propomos uma leitura da tradição Zen-budista (*Introdução ao Zen-budismo*, de D.T. Suzuki), salientando alguns ensinamentos em torno da relação mestre-discípulo; eixo central da compreensão filosófica e ética de um plano de educação voltado para o *satori*: que Suzuki define como “o despertar de um ponto de vista antes insuspeitado”, através de “uma revolução que destrua as antigas acumulações de intelecto e lance novas fundações para uma nova vida”. Embora intempestiva, a prática do Zen visa o amadurecimento do caráter moral da pessoa através do cultivo de si, pois cada um se torna exemplo virtuoso de seu modo de existência imanente, porém dentro daquilo que preferem chamar por “virtude secreta”, ou seja, é aqui que se rejeita qualquer ponto fixo, de doutrinação ou autoridade; tornando o conjunto de exercícios espirituais um construcionismo plural, multifacetado, por vezes paradoxal, de uma radicalidade fecunda, pois sempre destinada à revitalização filosófica. Nossa intenção é conectar sutilmente a experiência de educação filosófica do Zen com a atualidade de nossas reflexões, permitindo um diálogo aberto e respeitoso.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

O MAU ALUNO ENQUANTO MAL DO MESTRE...

Vilmar Martins, Dr. (SED/SC)

O objetivo dessa proposta é pensar a formação a partir do viés do discípulo que resiste ao mestre, ou seja, o “mau aluno”. Para tanto, guiado pelas assertivas Nietzscheanas que “Rio de todos os mestres que nunca riram de si” e “Retribui mal ao mestre o discípulo que permanece discípulo” realize a leitura de narrativas biográficas e literárias nas obras *Mágoas da escola* de Daniel Pennac; *Balão Cativo* de Pedro Nava; *O Ateneu* de Raul Pompéia e *O Jovem Törless* de Robert Musil. Busco nessas obras elementos para pensar o processo formativo que ocorre no contraponto ao mestre. Apoiado nos conceitos de *Autoformação* e *Cultivo de si* pressuponho que ocorre um processo formativo na ação de resistência ao mestre. Mesmo difuso e indistinto esse movimento de resistência engendra um sujeito que resiste e aos poucos molda certas características de uma identidade ou subjetividade, a este processo denomino formação. Movidado por sentimentos biográficos esta proposta não visa romantizar ou justificar o *rebelde* e o *pária*, mas sim dialogar com esse “mau aluno” compreendido como um elemento do processo formativo e não como uma exceção a esse processo.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

O RISO COMO INSTRUMENTO PARRESIÁSTICO EM NIETZSCHE: SOBRE O ALUNO CORAJOSO

Stefania Peixer Lorenzini, Ma. (PPGE / UFSC)

Trata-se de uma reflexão sobre o riso em Nietzsche (2005, 2011, 2012), característico por promover a dúvida, a quebra de certezas e uma postura crítica diante da verdade, enquanto uma espécie de veículo ou instrumento de *parresía* em sala de aula, a partir da coragem do aluno de emitir suas próprias percepções. Parto do conceito grego de *Parresía* nos estudos de Michel Foucault (2011) sobre o tema, buscando perceber a atitude da *fala franca* e do *dizer-a-verdade* na postura do aluno que se deixa levar pela pulsão do riso diante da autoridade professoral, impulsionando uma postura de questionamento do estudante diante do conhecimento, e pensar sobre o quanto disso poder ser produtivo ao professor que está aberto a reflexão de suas próprias certezas. Ainda, como decorrência dessas relações, discutir a categoria verdade e as relações de poder próprias a sua produção.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

A EXPERIÊNCIA DA RETERRITORIZAÇÃO NA VOZ DOS ALUNOS: UM REGIME SIGNIFICANTE

Albio Fabian Melchiorretto, Me. (PPGDR FURB)

Juarês José Aumond, Dr. (FURB)

O espaço rural passa por um processo de reterritorialização frente ao modo urbano. As escolas ambientadas no espaço rural também estão atravessadas por esta reconstituição e as alterações em si propõem uma nova discussão sobre quem são os alunos naquele espaço e quais experiências são possíveis. Quem é o aluno neste espaço? O presente artigo tem por objetivo investigar como os professores percebem, através do enunciado dos estudantes, o processo de reterritorialização do rural. Para tal, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com professores das séries iniciais de uma escola multisseriada na zona rural de Massaranduba(SC). Os dados foram analisados a partir de uma perspectiva sistêmica. Com os sujeitos da pesquisa nós evidenciamos que existe uma relação de atravessamento de características urbanas no rural. Nossos resultados indicam que a reflexão acerca da reterritorialização do rural deve ser observada com cuidado e com ela será possível compreender como o urbano tem alterado um modo de vida, considerado tradicional. A pesquisa desvelou que cenários rurais foram e são afetados pelo processo urbano e que a reterritorialização sugere uma perspectiva de mudança de hábitos em todos os níveis, inclusive nas falas dos estudantes das séries iniciais.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

LA CONSTRUCCIÓN DEL ALUMNO DEL CONOCIMIENTO AL OLVIDO DE SÍ: UN ESTUDIO DE MONTAIGNE A SARMIENTO

Gabriela Ferreira Olaso, Lic. (FHUCE – UDELAR)

Este abordaje se propone comunicar aspectos referidos a la construcción del alumno en una de las tradiciones que se desechan en la modernidad. Es un aspecto de una investigación en curso: “Un estudio decolonial sobre civilización y barbarie en sus efectos en la educación”.

Estudiaremos el control o exterminio de lo salvaje, lo natural, lo infantil o lo inmaduro en cuatro autores seleccionados de la Filosofía de la Educación. Resaltan algunos de los sentidos construidos en la Ilustración en la lucha contra lo salvaje, la ignorancia y la barbarie representada en las identidades otras. También nos interesa el modelo de formación humana y de conocimiento e inquietud de sí que se propone en tanto aceptación de una naturaleza dual, contradictoria y en devenir entre cuerpo, naturaleza, individualidad y cultura que de Montaigne a Rousseau se pensaba.

Otro modelo de saber, de ciencia y de experiencia se impone en la Ilustración junto con una idea de civilización y de transmisión: en Itard y en Sarmiento podremos detectar modelos de formación que implican la represión, el borramiento y el olvido de una identidad. Entonces se requiere entender las relaciones coloniales como parte de la construcción de una idea moderna de alumno.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

QUEM É O ALUNO DA PEDAGOGIA KEMÉTICA?

Jeane Vanessa Santos Silva, Dra. (UFSC)

A filosofia kemética é o saber nascido no nordeste do Continente Africano, mais precisamente no Vale do rio Nilo ou no *Kemet*, “Terra Preta”, como os antigos egípcios nomeavam seu território 27 séculos antes da Era Comum. Dentre os fundamentos filosóficos necessários para se pensar o conjunto de saberes keméticos, bem como as práticas que deles decorrem, se inscrevem aqueles que subjazem à prática educacional, o que torna possível pensar uma filosofia da educação kemética. Obenga chega mesmo a afirmar que, no Kemet, a filosofia era propriamente uma pedagogia expressa na síntese do aprendizado, da busca da sabedoria e da perfeição moral. Pensar a filosofia da educação kemética, e quem é o aluno desse processo de formação, passa necessariamente pela compreensão da cosmologia e noção de sujeito keméticas, bem como dos pressupostos éticos que orientam o processo pedagógico nas escolas dos escribas, onde se desenvolvia a filosofia em sua função essencial: a investigação crítica e analítica da natureza das coisas. Nestas escolas estudava-se primordialmente os “antigos ensinamentos”, (*sebayit*), com a finalidade de desenvolver a sabedoria e a prudência e, como consequência, a capacidade de resolver problemas por meio do exercício do bom julgamento.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

“QUE DEVO FAZER”? LUZES E SOBRAS SOB O ALUNO, TRANSEUNTE DO SEU CONHECIMENTO

Paulo Becher Junior, Me. (PPGE UFSC)

Em que pese à pedagogia ser marcada fortemente pela procura em relação ao acerto durante o desenvolvimento do processo formativo, recai sobre ela, a partir da incandescência das luzes da razão, a luminosidade sob a qual a verdade se apresenta. Desta maneira o que é apresentado através da luz, sempre ganha em destaque e consideração. Mas e aquela que é colocada como coadjuvante da luz, quem dela se lembra? A “sombra”, nem sempre tão ouvida, tem algo pertinente a comunicar? O aluno, enquanto um transeunte no processo formativo ouve a quem?

Nietzsche em *Humano, demasiado humano*, oportuniza um diálogo entre o “andarilho” e a sua “sombra”, do qual parece possível derivar uma contribuição para a formação. A proposta do texto, desta maneira, figura-se como uma tentativa de intuir a potência formativa daquilo que não fala tanto, também do que não se ouve com tanta frequência. Para tal, buscar-se-á refletir como extrair uma orientação formativa a partir do sentido figurado da categoria “sombra”, enquanto aquela que se apresenta junto à “luz”, mas que nem sempre dialoga com o aluno, transeunte da formação.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

ANÁLISE DAS *TENDENZ* FORMATIVAS EM NIETZSCHE

Antonio Carlos Massignani, Me. (PPGE UFSC)

Nietzsche utiliza uma série de conceitos através dos quais ele pretende uma interpretação tanto do homem, quanto da cultura, como de toda a realidade. Desde sua primeira obra publicada (O Nascimento da Tragédia) o filósofo ensaia uma série de experimentos conceituais que se desenvolvem até o surgimento do conceito de Vontade de Poder, onde essa interpretação ganha contornos mais completos e definitivos. Os conceitos através dos quais Nietzsche se utiliza e os desenvolvem, ensaiando uma interpretação possuem características próprias em cada período de sua produção filosófica. Assim, é no primeiro período, marcadamente onde o filósofo esmiúça uma análise tanto das *Tendenz* artísticas gregas quanto das *Tendenz* formativas nos sistemas culturais e de ensino alemão. Os conceitos que Nietzsche ensaia neste período para dar conta da questão do humano e sua formação são, além de *Tendenz* (tendência): *Trieb* (pulsão), *Instinkt* (instinto), *Affekt* (afeto), *Hang* (propensão), *Neigung* (inclinação), *Streben* ou *Verlangen* (aspiração). Visamos explorar o conceito de *Tendenz* (e sua relação com os outros conceitos acima citados) e como a análise de Nietzsche deste conceito permite uma crítica tanto dos sistemas de ensino quanto das *Tendenz* culturais e artísticas.



II COLÓQUIO BINACIONAL DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Aluno, alumnus, mathetés

PENSAR O ALUNO PARA ALÉM DA ZOÉ

Patrícia Prohmann, Ma. (PPGE UNIPAMPA);

Sérgio Ricardo Silva Gacki, Dr. (UNIPAMPA)

A reflexão que propomos busca através de um processo dialógico e permanente, propor ideias para uma educação que recupere o sentido de uma educação crítica. Entendemos aqui a educação como potência (Nietzsche) para uma vida plena em sociedade, que não seja mais, mera vida *zoé* (AGAMBEN), mas no pertencimento da *bios*, como nos ensinaram os gregos.

Percebemos que nossos alunos padecem e adoecem neste sistema educativo. Desde cedo, as crianças são alienadas, aprisionadas na luta pela sobrevivência, *zoé*. Ensinamos em geral para nossos alunos não haver escapatória do “plano de curto prazo”, a imediatez da sobrevivência – criando um espectro acrítico e a-histórico sobre o sentido de nossos processos formativos. Para agravar a educação reproduz a lógica da competição imposta pelo capital e o medo (instrumento biopolítico) media as ações objetificando a ação docente em boa parte dos casos. Sujeita a coação da burocracia estatal a escola, ente por excelência implementador das políticas públicas da educação na base da sociedade, se vê conduzida por políticas de governos (não de Estado) que não conseguem perceber além de seus interesses imediatos, em detrimento da coletividade.